

Índice

Prefácio	13
<i>Rua de Sentido Único</i>	
Estação de serviço	33
Sala do pequeno-almoço	33
N.º 113	34
Para homens	36
Relógio oficial	36
Volta, tudo está perdoado!	36
Casa de dez assoalhadas mobilada com luxo	36
Produtos chineses	38
Luvas	39
Embaixada do México	39
Pede-se ao público que proteja estes canteiros	40
Terreno em construção	41
Ministério do Interior	42
Bandeira...	42
... A meia-haste	42
Panorama imperial	43
Trabalhos no subsolo	50
Cabeleireiro para senhoras melindrosas	50
Atenção aos degraus	50
Guarda-livros ajuramentado	51
Manuais didácticos	52

Alemães, bebei cerveja alemã!	54
Afixação proibida	54
Treze teses contra os snobes	55
A técnica do crítico em treze teses	56
N.º 13	57
Armas e munições	58
Primeiros socorros	59
Arquitectura de interiores	59
Material de escritório	59
Bijuteria	61
Ampliações	61
Antiguidades	65
Relógios e jóias de ouro	67
Lâmpada de arco	68
Lógia	68
Perdidos e achados	69
Praça para o máximo de 3 tipóias	69
Monumento ao combatente	70
Alarme de incêndio	71
Recordações de viagem	72
Oculista	74
Brinquedos	75
Policlínica	80
Espaços para arrendar	81
Material de escritório	82
Carga diversa: transporte e embalagem	83
Fechado para obras	83
Restaurante automático Augias	83
Loja filatélica	83
<i>Si parla italiano</i>	87
Primeiros socorros técnicos	87
Miudezas	88
Consultoria fiscal	88
Apoio judiciário para necessitados	89
Campainha nocturna para chamar o médico	90
Madame Ariane, segundo pátio à esquerda	91

Guarda-roupa de máscaras	92
Agência de apostas	93
Cervejaria	94
Proibida a mendicidade ou a venda ambulante	95
Ao planetário	96

ADENDAS A RUA DE SENTIDO ÚNICO

A pobreza fica sempre a perder	101
Fazer segredo dos planos	101
Demasiado perto	103
Amor platónico	103
Rosa-dos-ventos do sucesso	104
Ladeira abaixo	105
Narrativa e cura	106
Por ocasião da morte de um velho	107
Uma vez não são vezes (I)	108
Uma vez não são vezes (II)	108
A arte de contar histórias	109
O bom escritor	111
Ler romances	112
Após a consumação	112
O carácter destrutivo	113
O jornal	115
À venda, mas inutilizáveis	116
Fazer figura com um brinquedo	116
A árvore e a linguagem	117
A distância e as imagens	118
Sombras breves	119
Horror belo	119
Sinal secreto	120
Uma frase de Casanova	120
O caminho para o sucesso em 13 teses	120
Boas maneiras	125
Como pode alguém saber que força tem	126
Sobre a crença nas coisas que nos vaticinam	127
Morar sem deixar rasto	128

O jogo	129
Não desaconselhar	130
Não te esqueças do melhor	131
Espaço para o que é valioso	132
Treino	132
A luz	133
O cachimbo	134
Fundamento da moral	134
Rosquilha, pena, pausa, queixa, disparates	135
Mais uma vez	136
A “Nova Comunidade”	136
Weimar	137
Mar do Norte	140
<i>Crónica Berlinense</i>	147
<i>Versão em Verso de Crónica Berlinense</i>	
Portas de Halle	217
Edifício do metro de superfície	217
E depois a cidade destes primeiros anos	218
Como as Saturnálias estavam dentro do Natal	219
O <i>ballet</i> das ruas de Paris	219
Que a língua do amor	222
O domingo que já não conseguia encher nenhum espaço	222
O sujo soalho de tábuas	223
O príncipe Louis Ferdinand figurava nestas lapelas	223
A quarta porém deparei-me com ela	224
Lembro-me perfeitamente, eu tinha	224
Renvers	225
E o mais meigo asilo da velhice solitária	225
Os ladrilhos escorregadios	226
As mesas estavam tão estiradas	227
Quem encontrará no Tiergarten o arbusto	227
Sempre instrutiva é a lembrança dos patamares de escadas	228
Uma coisa porém nunca ela me deu Berlim	228
Quando for velho à entrada da minha casa	229
Construções de brincar	229

Infância Berlinense por volta de 1900

PREFÁCIO	233
Lógias	235
Panorama imperial	238
A Coluna da Vitória	239
O telefone	241
Caça às borboletas	242
Tiergarten	244
Atrasado	247
Livros para rapazes	247
Manhã de Inverno	249
Esquina da Rua de Steglitz com a Rua de Genthin	250
Dois imagens enigmáticas	252
Mercado	254
A febre	255
A lontra	259
Ilha dos Pavões e Glienicke	261
Notícia de uma morte	264
Blumeshof 12	264
Anoitecer de Inverno	268
Krumme Straße	268
A meia	270
A Mummerehlen	271
Esconderijos	272
Um fantasma	273
Um anjo de Natal	274
Desgraças e crimes	276
As cores	278
A caixa de costura	279
A Lua	281
Dois charangas	283
O trasgo	284
O carrossel	286
O despertar do sexo	286

APÊNDICE

Partida e regresso	291
A despensa	293
Vida social	293
A caixa de leitura	296
Teatro de macacos	298
Biblioteca escolar	298
<i>Neuer deutscher Jugendfreund</i>	301
A carteira	302
Mendigos e prostitutas	304
Armários	306
As crianças gostam de coisas efémeras	310
A Lua	311

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

A construção da vida reside, de momento, muito mais na força dos factos do que na das convicções. E de factos que quase nunca e em lugar nenhum se tornaram base de convicções. Nestas circunstâncias, a verdadeira actividade literária não pode ter a pretensão de se desenrolar no âmbito literário — pelo contrário, essa é a expressão habitual da sua esterilidade. Uma eficácia literária significativa apenas pode gerar-se na alternância rigorosa entre agir e escrever; ela tem de cultivar em panfletos, brochuras, artigos de revista e cartazes as formas despreziosas que se adaptam melhor à sua influência em comunidades activas do que o exigente gesto universal do livro. Só esta linguagem ágil se revela eficazmente à altura do momento. As opiniões são para o gigantesco mecanismo da vida social o que o óleo é para as máquinas; ninguém se põe diante de uma turbina a despejar-lhe óleo em cima. Esguicha-se uma pequena quantidade em rebites e juntas esconsos que é preciso conhecer.

SALA DO PEQUENO-ALMOÇO

Diz o povo que, de manhã, não se deve contar os sonhos em jejum. Efectivamente, a pessoa que acabou de acordar permanece, neste estado, ainda na esfera de influência do sonho. É que as abluções só trazem para a luz a superfície do corpo e as suas funções motoras visíveis, enquanto, nas camadas mais profundas,

mesmo durante a higiene matinal, subsiste a penumbra crepuscular do sonho, e se reforça até na solidão da primeira hora de vigília. Quem receia o contacto com o dia, seja por fobia às pessoas, seja por necessidade de recolhimento, não quer comer e desdenha do pequeno-almoço. Desta maneira, evita o corte entre o mundo nocturno e o diurno. Uma prudência que apenas se justifica quando o sonho é incinerado num trabalho matinal concentrado, ou mesmo na oração, mas, de outra forma, leva a uma mistura dos ritmos de vida. Neste estado de espírito, o relato dos sonhos é fatal, porque a pessoa, ainda meio entregue ao mundo onírico, o trai nas palavras que usa e fica sujeita à sua vingança. Em termos mais modernos: trai-se si mesma. Libertou-se da protecção da ingenuidade sonhadora e expõe-se, ao tocar as suas visões oníricas numa posição de inferioridade. Pois só da outra margem, em plena luz do dia, deve interpelar-se o sonho do ponto de vista de uma recordação superior. Este além do sonho só é alcançável através de uma purificação que é análoga às abluções, mas inteiramente diferente delas. Passa pelo estômago. A pessoa em jejum fala do sonho como se falasse a dormir.

N.º 113²

As horas que contêm a forma e a figura
Decorreram na casa do sonho³

Cave

Há muito esquecemos o ritual que guiou a construção da casa da nossa vida. Mas quando esta vai ser tomada de assalto e já rebentam as bombas inimigas, que antigualhas esquiladas, estapafúrdias elas não põem a descoberto nos alicerces! As coisas que se enterraram e sacrificaram por entre fórmulas mágicas, que aterrador gabinete de raridades há ali em baixo, onde as galerias

² Dos finais do século XVIII ao início do século XIX, funcionou na cave do Palais Royal de Paris, com o n.º 113, um casino conhecido como lugar de jogo e de prostituição.

³ Trata-se dos dois primeiros versos do soneto n.º 42 de Benjamin, que, como todos os restantes, permaneceu inédito em vida do autor.

mais profundas estão reservadas para o que é mais quotidiano! Numa noite de desespero, vi-me em sonhos a renovar arrebatadamente a amizade e a fraternidade com o meu primeiro camarada dos tempos de escola, que já não vejo há decénios e de quem, neste período de tempo, praticamente nunca me lembrei. Ao acordar, porém, tudo se me tornou claro — o que o desespero trouxera à luz do dia como uma granada explosiva era o cadáver deste rapaz, que ali estava emparedado e que deveria ter como efeito: quem aqui vier a morar, em nada se há-de parecer com ele.

Vestíbulo

Visita à casa de Goethe.⁴ Não consigo lembrar-me de ver salas no sonho. Era uma enfiada de corredores caiados como numa escola. Duas visitantes inglesas já de certa idade e o guarda são os figurantes do sonho. O guarda convida-nos a assinar o livro de visitantes, que estava aberto ao fundo de um corredor em cima de uma vitrina de mesa. Ao aproximar-me, encontro, ao folhear, o meu nome já ali escrito, numa letra infantil grande e desajeitada.

Sala de jantar

Em sonhos, encontrei-me no gabinete de trabalho de Goethe. Não tinha quaisquer parecenças com o de Weimar. Sobretudo, era muito pequeno e só tinha uma janela. O lado mais estreito da secretária estava encostado à parede fronteira. Diante dela, estava o poeta, muito idoso, sentado a escrever. Eu mantinha-me de lado, e eis que ele se interrompeu e me deu de presente um pequeno vaso, um recipiente antigo. Revirei-o nas mãos. Reinava no quarto um calor tremendo. Goethe levantou-se e passou comigo para uma sala ao lado, onde estava posta uma mesa comprida para os meus parentes. Parecia, contudo, calculada para um número muito superior de pessoas. Fora, certamente, posta a contar com os antepassados. Sentei-me ao lado de Goethe na ponta da direita. Concluída a refeição, ele levantou-se a custo e, com um

⁴ A casa de Goethe em Weimar abriu como museu em 1886.

gesto, pedi permissão para o ajudar. Ao tocar-lhe no cotovelo, pus-me a chorar de comoção.

PARA HOMENS

Convencer é estéril.⁵

RELÓGIO OFICIAL

Para os que são grandes, as obras acabadas têm menos peso do que aqueles fragmentos em que trabalham toda a vida. Pois só os mais fracos, os mais distraídos, ficam imensamente satisfeitos ao acabarem e sentem que isso os restitui à vida. Para o génio, toda e qualquer cesura, os duros golpes do destino, e também o sono tranquilo fazem parte do trabalho aturado da sua oficina. E é no fragmento que ele traça a esfera de acção desse trabalho. “O génio é trabalho aturado.”⁶

VOLTA, TUDO ESTÁ PERDOADO!

Como alguém a executar o giro gigante na barra fixa, assim nós próprios, em rapazes, fazemos girar a roda da fortuna, da qual, mais cedo ou mais tarde, sairá então a sorte grande. Pois apenas o que já sabíamos ou exercitávamos aos quinze anos constituirá, um dia, os nossos atractivos. E, por isso, há uma coisa que nunca terá reparação possível: não ter fugido aos pais. Quarenta e oito horas de desamparo nesses anos levam, como numa solução aquosa, a que ganhe rapidamente forma o cristal da felicidade para a vida inteira.

CASA DE DEZ ASSOALHADAS

MOBILADA COM LUXO

É num certo tipo de romance policial em cujo centro dinâmico se situa o pavor provocado pela casa que encontramos a única

5 O original contém um jogo de palavras intraduzível em torno do verbo “überzeugen”, cujo significado corrente é “convencer”, mas, numa leitura literal, pode também significar “sobreprocriar” ou “procriar em excesso”.

6 Citação do final do segundo verso de um dístico de 1889 de Theodor Fontane, “Sob Um Quadro do Pintor Adolph Menzel”.

descrição e análise satisfatórias do estilo de mobília da segunda metade do século XIX. A disposição dos móveis é, ao mesmo tempo, a planta da localização das armadilhas mortais, e a enfiada dos quartos prescreve à vítima o caminho da fuga. O facto de este tipo de romance policial ter começado justamente com Poe — numa época, portanto, em que habitações assim praticamente ainda não existiam — nada prova em contrário. É que, sem excepção, os grandes escritores fazem associações num mundo que vem depois deles, tal como as ruas de Paris dos poemas de Baudelaire só existiram após 1900 e também as figuras de Dostoiévski não existiam antes dessa data. O interior burguês dos anos sessenta aos anos noventa, com os seus gigantescos aparadores a transbordar de enfeites de talha, os cantos na penumbra onde se põe a palmeira, a sacada a que a balastrada serve de trincheira e os longos corredores com a chama do gás a cantar, apenas se adequa a servir de habitação a cadáveres. “Neste sofá, a tia só podia ser assassinada.” A exuberância sem alma do mobiliário só se torna verdadeiro conforto perante o corpo sem vida. Nos romances policiais, é muito mais interessante o Oriente exuberante dos interiores do que o Oriente das paisagens: o tapete persa e a otomana, a lâmpada e o nobre punhal caucasiano. Atrás dos pesados *kelims* drapeados, o dono da casa festeja as suas orgias com os títulos financeiros, pode sentir-se um mercador oriental, um paxá indolente no canato da pantomínice, até que aquele punhal suspenso sobre o divã no suporte de prata uma bela tarde põe fim à sua sesta e a ele próprio. Este carácter da residência burguesa, que estremece ao pensar no assassino anónimo como uma velha lúbrica a pensar no galã, foi captado por alguns autores que se viram privados do reconhecimento merecido por serem “escritores de livros policiais” — talvez também porque as suas obras estão marcadas por alguma parte do pandemónio burguês. Conan Doyle deu destaque àquilo que aqui pretende assinalar-se nalgumas das suas obras, a escritora A. K. Green fez o mesmo numa grande produção e, com *O Fantasma da Ópera*, um dos grandes romances sobre o século XIX, Gaston Leroux conduziu este género literário à apoteose.